

ARTIGO ORIGINAL

PARTICIPAÇÃO DE PESSOAS IDOSAS EM PESQUISAS DE INCLUSÃO DIGITAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A GERONTECNOLOGIA EDUCACIONAL

PARTICIPATION OF OLDER PEOPLE IN DIGITAL INCLUSION RESEARCH: CONTRIBUTIONS TO EDUCATIONAL GERONTECHNOLOGY

Estela Kohlrausch¹

Leilane Santos Jorge²

Luciana Arruda³

Salete Vedovatto Facco⁴

¹Licenciada e bacharela em Música. Doutora em Educação (UFRGS, Goethe Universität). Musicista e professora autônoma. E-mail: estela_violista@yahoo.com.br

²Graduada em Pedagogia. Mestra em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA). Doutoranda em Educação (UFRGS). E-mail: leilanesantos98@gmail.com

³Graduada em ciências sociais (Unisinos). Mestranda em educação (UFRGS). Coordenadora do núcleo de educação digital da FMP. E-mail: larruda.lu@gmail.com

⁴Graduada em Pedagogia. Mestrado em Educação (UFRGS). Doutoranda em Educação (UFRGS). E-mail: sementesdomundo@hotmail.com

Resumo

A crescente digitalização da vida social evidencia desafios, desigualdades e a necessidade de ampliar a participação de pessoas idosas no uso de tecnologias. Este estudo tem como objetivo identificar as contribuições da participação de pessoas idosas em pesquisas de inclusão digital para a gerontecnologia educacional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada com dois grupos de pessoas idosas, com aproximadamente 25 participantes cada, envolvendo observação inicial e quatro encontros de duas horas sobre tecnologias digitais, aprovados pelo comitê de ética. As atividades foram planejadas de forma flexível, considerando os conhecimentos prévios, interesses e ritmos dos participantes, com registro em diário de campo e garantia de anonimato. Foi realizada uma análise temática reflexiva do material produzido. Os resultados evidenciam que a participação se constrói por meio de interações, coaprendizagem e pertencimento, ao mesmo tempo em que revela barreiras linguísticas, cognitivas e sociais. Destacam-se estratégias como mediações contextualizadas, valorização dos saberes prévios e aprendizagem entre pares. Conclui-se que o processo educativo realizado, contribui para a gerontecnologia educacional crítica, pois valoriza a coaprendizagem, o letramento digital crítico e a construção coletiva do conhecimento, promovendo autonomia e inclusão significativa das pessoas idosas na cultura digital.

PALAVRAS-CHAVE

Inclusão digital. Participação. Pessoas Idosas. Gerontecnologia educacional.

Abstract

The growing digitization of social life highlights challenges, inequalities, and the need to increase older adults' participation in the use of technology. This study aims to identify the contributions made by older people's participation in digital inclusion research to educational gerontechnology. This is a qualitative study conducted with two groups of older people, each comprising approximately 25 participants, involving initial observation and four two-hour sessions on digital technologies, approved by an ethics committee. The activities were planned flexibly, taking into account the participants' prior knowledge, interests, and learning pace, with records kept in a field diary and anonymity guaranteed. A reflexive thematic analysis of the material produced was carried out. The results show that participation is built

through interactions, co-learning, and a sense of belonging, whilst also revealing linguistic, cognitive, and social barriers. Strategies such as contextualised mediation, valuing prior knowledge, and peer learning are highlighted. It is concluded that the educational process carried out contributes to critical educational gerontechnology, as it values co-learning, critical digital literacy, and the collective construction of knowledge, promoting autonomy and the meaningful inclusion of older people in digital culture.

KEYWORDS

Digital inclusion. Participation. Older people. Educational gerontechnology.

1 Introdução

Ao refletir sobre a relação entre Educação e Gerontechnologia, torna-se evidente que os processos educativos não se restringem aos espaços formais, mas são produzidos nas práticas sociais, nas relações intergeracionais e nas condições concretas de existência. É nesse movimento que se insere o interesse por compreender o envelhecimento em diálogo com as transformações contemporâneas, especialmente aquelas relacionadas à crescente centralidade das tecnologias digitais na vida social.

O contexto atual é marcado por uma intensificação dos processos de digitalização, que reorganizam formas de comunicação, acesso a serviços e participação social. No Brasil, esse cenário se evidencia tanto pelo aumento do acesso à internet quanto pela ampliação de serviços digitais em áreas como o sistema financeiro e os serviços públicos (IBGE, 2025). Contudo, tais transformações não se distribuem de maneira homogênea, revelando e aprofundando desigualdades históricas. As pessoas idosas, em particular, vivenciam esse processo de forma tensionada, pois, em muitos casos, tiveram contato tardio com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e podem enfrentar barreiras de ordem econômica, educacional e cultural para sua apropriação significativa.

Nesse cenário, a noção de inclusão digital demanda uma compreensão ampliada, evidenciando que a desigualdade não se restringe ao acesso, mas envolve motivação, habilidades e usos das tecnologias, configurando um fenômeno multidimensional (van Dijk, 2020). Mais do que acesso a tecnologias, trata-se de enfrentar desigualdades que limitam o engajamento social, político e econômico dos sujeitos (Berger; Lechner; Moder, 2021). A inclusão e a exclusão digital são dimensões interdependentes, revelando que os processos de inserção tecnológica também produzem fronteiras e desigualdades.

A ideia frequentemente difundida de que as tecnologias estão universalizadas obscurece as desigualdades que atravessam seu uso e apropriação. Tal invisibilização impacta de maneira significativa as pessoas idosas, que podem ser colocadas à margem de práticas sociais mediadas digitalmente, com implicações diretas no acesso a direitos e na participação na vida social.

No caso das pessoas idosas, a não utilização das tecnologias, por exemplo, pode representar escolhas significativas e não apenas déficit (Knowles; Hanson, 2018). Assim, abordagens críticas rejeitam perspectivas tecnocêntricas e defendem a centralidade da experiência e da agência dos sujeitos.

É a partir dessas tensões que a participação se torna uma categoria central neste estudo. Compreendida em diálogo com a perspectiva freireana, a participação é entendida como prática educativa e como expressão da vocação humana de intervir no mundo (Freire, 2016). Nessa direção, não se trata apenas de considerar se as pessoas idosas estão presentes em determinadas iniciativas, mas de problematizar como participam, em que condições e com quais possibilidades de incidência nos processos que as envolvem. Essa problematização

ganha relevância particular no campo da produção de conhecimento, especialmente nas pesquisas que se propõem a investigar a gerontecnologia educacional.

A gerontecnologia educacional é um campo interdisciplinar que integra gerontologia, interação humano-computador e direitos humanos para desenvolver ações educativas e tecnologias voltadas à inclusão digital de pessoas idosas (Rosell, 2023). Seu objetivo é promover autonomia, bem-estar e participação social, por meio de práticas pedagógicas colaborativas e do envolvimento ativo das pessoas idosas, inclusive em processos de co-design.

Castro, Doll e Castro (2024) enfatizam a importância de considerar a perspectiva da pessoa idosa no uso de tecnologias e nas possibilidades educativas que elas oferecem. Assim, a interface entre Gerontecnologia e Educação é marcada pela trajetória, experiências e características individuais das pessoas idosas, bem como pelos aspectos emocionais envolvidos. Os autores consideram que sentimentos positivos, como curiosidade e segurança, favorecem o aprendizado, enquanto emoções negativas podem dificultá-lo (Castro; Doll; Castro, 2024). Além disso, ressaltam que a crença na própria capacidade de aprender é fundamental, especialmente diante de estereótipos que desvalorizam o potencial de aprendizagem na velhice.

A partir de uma perspectiva freireana, a gerontecnologia educacional não pode ser entendida como adaptação passiva a um modelo tecnológico, mas como um processo dialógico e crítico de construção coletiva. Freire (1983) critica práticas que impõem tecnologias sem diálogo, defendendo que a participação deve envolver a possibilidade de escolha e intervenção dos sujeitos. Nesse sentido, a inclusão digital deve ser compreendida como uma questão de direitos humanos e justiça social, na medida em que o acesso e o uso das tecnologias se tornam condições para o exercício pleno da cidadania (UN Human Rights Council, 2021). Mais do que uma pauta técnica, trata-se de um processo que exige políticas públicas, práticas educativas críticas e o reconhecimento das pessoas (especialmente as idosas) de participar, decidir e produzir sentidos no mundo digital.

Assim, esta investigação se justifica tanto pelas transformações demográficas quanto pelas mudanças tecnológicas que atravessam a vida social contemporânea. Compreender as possibilidades e limites da participação de pessoas idosas torna-se, portanto, um passo relevante para o desenvolvimento de práticas que promovam autonomia, reconhecimento e justiça social, especialmente no contexto brasileiro.

Diante disso, emerge a questão que orienta este artigo: de que maneira a participação de pessoas idosas em pesquisas sobre inclusão digital contribui para a gerontecnologia educacional? E, em consonância com essa problemática, o objetivo é identificar as contribuições da participação de pessoas idosas em pesquisas de inclusão digital para a gerontecnologia educacional.

2 Método

O trabalho em questão foi baseado em uma pesquisa de natureza qualitativa, tendo como questão investigativa a participação de pessoas idosas em processos educativos de inclusão digital. A pesquisa foi dividida em três momentos: revisão da literatura; produção dos dados e a análise temática.

Para o presente artigo, foram considerados os dados produzidos a partir de observações e encontros sobre tecnologias digitais realizadas entre junho e setembro de 2025. A pesquisa foi realizada com dois grupos de pessoas idosas; para garantir o anonimato, eles foram denominados Grupo Alegria e Grupo Sonho.

Os grupos se reúnem semanalmente e estão vinculados ao trabalho do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), com até 25 participantes cada. Os encontros têm duração de duas horas e cada grupo possui sua sede no próprio bairro. As pessoas idosas são encaminhadas por demandas relacionadas à proteção social básica, o que torna os grupos bastante heterogêneos quanto à escolaridade (incluindo pessoas analfabetas e com ensino superior), idade e condições socioeconômicas. Durante o desenvolvimento da pesquisa, o Grupo Alegria era composto apenas por mulheres, enquanto o Grupo Sonho contava com a participação de quatro homens.

A pesquisa respeitou os princípios éticos, garantindo o anonimato das pessoas participantes, a possibilidade de desistir a qualquer momento e o consentimento livre e esclarecido, de acordo com a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAAE: 79933024.2.0000.5347). Para a pesquisa, foram analisados apenas os dados produzidos pelas pessoas que concordaram em participar através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Inicialmente, foram realizadas observações dos grupos pela pesquisadora, que auxiliaram na compreensão do contexto, possibilidades e interesses dos grupos, sendo informações importantes para a elaboração dos planejamentos.

Posteriormente, foram realizados quatro encontros sobre tecnologias digitais com cada um dos grupos, tendo a duração de duas horas cada. Esta pesquisa foi inserida no trabalho já existente dos grupos e a professora responsável acompanhou os encontros e foi responsável por abrir os encontros, passar os informes gerais e conduzir o encerramento; as atividades relacionadas às tecnologias digitais foram conduzidas pela pesquisadora.

O primeiro encontro com os dois grupos abordou a questão do uso das tecnologias a partir da proposta da “Caminhada Tecnológica” (a partir de afirmativas sobre acesso e usos de tecnologias digitais, as pessoas davam passos para frente ou para trás, o que gerou visualmente a diferença existente entre as pessoas do grupo) e de um círculo de cultura sobre uma charge. Nesse encontro foi possível perceber características mais específicas em relação ao contexto tecnológico das pessoas dos grupos e os próximos encontros foram desenvolvidos a partir disso. No Grupo Alegria foram trabalhadas questões referentes ao WhatsApp, Inteligência Artificial, fake news e QR Codes. Já no Grupo Sonho, foram desenvolvidas atividades sobre aplicativos, WhatsApp, Inteligência Artificial, PIX e a assistente virtual Alexa.

Os encontros foram estruturados a partir de experiências práticas com as tecnologias e rodas de conversa, sendo mediados pela pesquisadora. O conhecimento prévio dos participantes era o que auxiliava no momento de planejamento, pois nem todas as pessoas tinham acesso aos dispositivos digitais, ou simplesmente não desejavam aprender e/ou utilizá-los, o que foi respeitado.

Para fim de registro, foi produzido um diário de campo para documentação das etapas, vivências com o grupo e realização das atividades. A pesquisadora optou pela elaboração deste instrumento em formato digital, como documento no Google Drive.

O áudio dos encontros foi gravado, com consentimento dos participantes, através do celular da pesquisadora. Optou-se por realizar uma transcrição parcial dos dados, preservando os dados de quem não concordou em participar da pesquisa. A transcrição priorizou falas representativas, situações significativas e momentos de maior densidade reflexiva, sendo realizadas com auxílio do aplicativo noScribe (versão 0.6) e revisadas pela pesquisadora.

Também foram realizados alguns registros fotográficos com fins não exclusivamente acadêmicos, mas como registros destinados ao próprio grupo, atendendo a demandas internas de comunicação, memória e compartilhamento das atividades desenvolvidas. A utilização dessas imagens respeitou rigorosamente os princípios éticos da pesquisa.

O vínculo construído entre a pesquisadora, a coordenadora dos grupos e as pessoas participantes revelou a construção de uma profunda relação, marcada pelo respeito, pela escuta ativa, pelos vínculos fortalecidos e pelos princípios éticos construídos ao longo da realização da pesquisa.

Para a análise dos dados qualitativos provenientes do diário de campo, adotou-se a análise temática reflexiva, conforme as seis etapas propostas por Braun e Clarke (2022). Esse processo envolve: (1) familiarização com o conjunto de dados, por meio de leituras atentas e repetidas; (2) codificação inicial, com a identificação de aspectos relevantes; (3) geração de temas iniciais, a partir do agrupamento dos códigos; (4) desenvolvimento e revisão desses temas; (5) refinamento, definição e nomeação dos temas; e (6) redação dos

resultados. A análise foi conduzida de forma indutiva, ou seja, orientada pelos próprios dados, sem o uso de categorias pré-estabelecidas, e não contou com o auxílio de softwares específicos. Essa abordagem enfatiza a reflexividade, entendida como a consciência do papel ativo da pessoa que pesquisa nas decisões analíticas, na construção de significados e na elaboração da narrativa final.

3 Resultados

As categorias produzidas a partir da análise temática reflexiva foram: conhecimentos, conscientização e participação. Essas três categorias representam o caminho do processo educativo realizado: 1) os conhecimentos dizem respeito aos saberes mobilizados, produzidos, compartilhados e tensionados; 2) o tema conscientização trata da construção de uma postura crítica diante das condições concretas de vida, das tecnologias e das relações sociais que atravessam o cotidiano; e 3) o tema participação diz respeito às formas pelas quais as pessoas se envolvem, se posicionam e constroem sentidos em suas experiências cotidianas, sendo compreendida como um processo relacional, situado e atravessado por dimensões sociais e políticas.

No que se refere às TICs, observa-se que, embora presentes no cotidiano dos grupos pesquisados, manifestam-se em diferentes níveis de apropriação e com distintos objetivos. Podemos perceber essa heterogeneidade no trecho a seguir:

A A4 Andarilhagem comentou, quando me entregou o documento, que “a única coisa que me interessou é o QR Code; o resto tudo eu já sei”. Comentei que ela poderia me ajudar com as colegas, a ensinar as pessoas a usarem, e ela comentou que as demais não aprendem, que demoram muito. (Diário, 12/08/2025 - 1º Encontro Alegria)

Esse trecho nos ajuda a visualizar as diferenças entre as participantes, mas também em relação aos processos de ensino-aprendizagem envolvidos. Nesse sentido, Himmelsbach (2015) considera que a biografia das pessoas idosas é marcada por suas experiências de vida, condições sociais, trajetórias educacionais, emocionais e contextuais, o que influencia diretamente seus modos de aprender, moldando tanto sua relação com novos conhecimentos quanto às possibilidades e motivações para a aprendizagem ao longo do envelhecimento.

Já a afirmação “Celular tem muita coisa” (S6 Engajamento, Diário, 14/08/2025 - 1º Encontro Sonho) revela a complexidade e o potencial das tecnologias digitais em relação à aprendizagem. É possível destacar ainda o que discutem os autores Sena e Soares (2025) sobre esta expansão da tecnologia e as possibilidades de engajamento e visibilidade pública, que trazem novas formas de participação tendo a internet como meio. Com isso, verifica-se que a inclusão diz respeito mais à trajetória dos sujeitos do que ao simples acesso ou oferta de formação. Trata-se de um processo atravessado por múltiplas dimensões da vida, o que tensiona o modelo hegemônico de inclusão digital e abre espaço para problematizações no campo da gerontecnologia educacional.

As dificuldades relacionadas à compreensão e à pronúncia de termos em inglês, por exemplo: windows foi entendido com “indos, indo” (Diário, 26/08/2025 - 2º Encontro Alegria), somam-se a aspectos cognitivos, tecnológicos, sociais, estruturais, culturais e afetivos da aprendizagem e participação. As estratégias educacionais adotadas foram contextualizadas na vida cotidiana, assim como a aprendizagem entre pares, o respeito ao ritmo das pessoas participantes, uso de recursos (como vídeos no WhatsApp) e a valorização de saberes prévios. Tais elementos se articulam à aprendizagem significativa e evidenciam que a participação também se configura como mobilização política, ao afirmar a capacidade das pessoas idosas de ensinar, aprender e intervir em sua realidade com voz ativa.

Os processos educativos desenvolvidos, buscaram a partir da realidade, construir coletivamente espaços para que as pessoas pudessem se fortalecer e, mutuamente, transformassem condições históricas de opressão: (Freire, 2005). Esse movimento se torna possível por meio da presença no grupo, das interações, da ajuda entre pares e das conversas, ancorando-se em práticas de coaprendizagem que envolvem cooperação e tomada de decisão.

Por mais que as TIC sejam importantes aliadas ao enfrentamento da solidão, que pode ser intensificada na velhice devido a perdas, fragilidades e mudanças na rede sociofamiliar, é necessário considerar que os efeitos positivos não decorrem do simples acesso às tecnologias, mas da inserção das pessoas idosas em contextos educativos coletivos, que favorecem a aprendizagem ao longo da vida e a construção de relações significativas (Pocinho et al., 2024).

Nesse contexto, o grupo assume papel central como espaço de fortalecimento, troca, parceria e amizade, promovendo pertencimento, construção de identidade e conexão de histórias. Ao mesmo tempo, atua como forma de enfrentamento aos processos excludentes da aceleração tecnológica, fortalecendo vínculos que permitem a construção coletiva de alternativas à invisibilização. Nessa perspectiva (Nicolaidis; Kwon, 2023), aprender deixa de ser um ato individual e passa a ser entendido como um fenômeno interdependente, no qual pessoas, materiais, espaços, emoções, tecnologias e contextos sociopolíticos atuam conjuntamente na produção de conhecimento e de realidade.

Outro ponto importante foi a construção de reflexões críticas em relação à segurança digital e à confiança nesses espaços.

O S9 Ouvir, comentou comigo: “Esse negócio de golpe de telefone, eu manjo logo, por incrível que pareça. Quando começa muito apressado. Hoje veio uma ligação de banco e eu disse ‘escuta meu amigo’, e ‘desde quando banco liga para alguém?’ Ele desligou o telefone”. [...] o S6 Engajamento disse “isso é tão fácil, eles veem com as coisas certas, certas, é uma baita mentira” e uma mulher comentou “minha filha caiu num golpe de três mil reais e minha filha é professora, se aposentando já”. (Diário, 14/08/2025 - 1º Encontro Sonho)

Isso nos remete ao processo de criticização e comprometimento com a realidade: “É através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos” (Freitas, 2019, p. 105).

A participação emerge nos dados como um processo marcado por tensões entre desejo, possibilidade e limite. Essa categoria foi compreendida não apenas como engajamento pontual, mas como um percurso formativo construído coletivamente, no qual interesses, motivações e ações se articulam:

Algumas pessoas não falaram nada durante esse momento, porém estavam muito atentas ao que era compartilhado no coletivo. Nem todas as pessoas participam quando as atividades são de discussão coletiva, mas percebe-se pelos olhares e pelos comentários com as pessoas que estão mais próximas que elas expressam suas opiniões, compartilham suas experiências e reagem ao que está sendo discutido no coletivo. (Diário, 25/09/2025 - 4º Encontro Sonho)

Assim, o aprendizado se concretizou em práticas, escolhas e interações no grupo, evidenciando a participação como uma dimensão simultaneamente individual e coletiva do processo educativo. Ao compreender que a participação envolve essas questões, podemos problematizar e refletir criticamente sobre a realidade e, nos processos educativos “exercitar processos de emancipação individual e coletiva, estimulando e possibilitando a intervenção no mundo, a partir de um sonho ético político da superação da realidade injusta” (Moreira et al., 2019, p. 181).

Os resultados também tensionam os modelos vigentes de inclusão digital, oferecendo subsídios para refletir sobre práticas construídas com as pessoas, e não apenas para elas, no desenvolvimento de produtos, serviços e nos modelos de pesquisa, fortalecendo a participação.

No campo da gerontecnologia educacional, o estudo evidencia a necessidade de abordagens que integrem educação e tecnologia de forma crítica, contextualizada e intencional. Aponta-se para a valorização do coletivo, de linguagens acessíveis, dos saberes cotidianos e da participação ativa, superando soluções padronizadas. Assim, a gerontecnologia educacional é capaz de assumir um papel integrador entre práticas pedagógicas e no desenvolvimento tecnológico, contribuindo para a autonomia e para uma inclusão crítica das pessoas idosas na cultura digital.

4 Conclusões

A pesquisa traz contribuições relevantes para a gerontecnologia educacional ao reforçar a compreensão da inclusão digital de pessoas idosas para além de uma perspectiva instrumental, situando-a como um processo formativo, político e emancipatório. A noção de gerontecnologia educacional, ao articular gerontecnologia, interação humano-computador e direitos humanos (Rosell, 2023), ganha densidade quando associada à perspectiva freireana da participação, da problematização e da esperança como prática transformadora.

Em um contexto onde mecanismos de busca e inteligências artificiais oferecem respostas aparentemente neutras, uma primeira contribuição consiste em evidenciar a necessidade de formar sujeitos capazes de questionar a origem das informações, os interesses que as sustentam e os processos de exclusão que podem ser reforçados pelas tecnologias digitais. Assim, o letramento digital crítico incorpora-se à gerontecnologia educacional como dimensão fundamental da cidadania.

Outra contribuição importante diz respeito ao entendimento da participação como princípio pedagógico, ético e político. A pesquisa demonstra que envolver pessoas idosas em diferentes etapas e modos da investigação não representa apenas uma escolha metodológica, mas uma postura ética e política ao reconhecer as pessoas como sujeitos de saber. Tal perspectiva fortalece a gerontecnologia educacional ao deslocar a lógica tradicional por práticas colaborativas, dialógicas e horizontalizadas. O processo educativo é compreendido como construção coletiva, feita com e não sobre as pessoas, reafirmando a centralidade da escuta, da amorosidade e do reconhecimento das experiências de vida como produtoras de conhecimento.

A investigação contribui, ainda, ao reconhecer que a exclusão digital não é exclusivamente um problema individual, mas expressão de desigualdades históricas e sociopolíticas. Essa compreensão reforça a necessidade de políticas públicas e estratégias institucionais comprometidas com justiça social e democratização do acesso.

Ao defender que a inclusão digital deve criar condições concretas de acesso, a tensiona-se a própria concepção de participação. Ao alcançar também pessoas que inicialmente não buscariam esse tema, a pesquisa reforça que a gerontecnologia educacional precisa ser pensada de forma intersetorial e relacional, articulando educadores/as, familiares, profissionais e instituições. Essa compreensão fortalece a concepção de educação como prática social comprometida com a transformação da realidade e com a ampliação das possibilidades de participação cidadã das pessoas idosas.

Como inovação prática, destaca-se a importância de estratégias pedagógicas situadas, concretas e sensíveis às trajetórias das pessoas idosas, como o uso de exemplos geracionalmente contextualizados e o humor como recursos pedagógicos. Essas abordagens potencializam a gerontecnologia educacional ao mostrarem que processos formativos mais significativos emergem ao acolher o medo e criar ambientes de pertencimento.

Contudo, o estudo apresenta limites: foi realizado com grupos inseridos em contextos institucionais específicos, o que impede a generalização para realidades com maiores limitações funcionais ou restrições de mobilidade. Para investigações futuras, recomenda-se ampliar a diversidade dos participantes, contemplando diferentes regiões e marcadores sociais.

O estudo contribui para consolidar uma gerontecnologia educacional crítica, participativa e socialmente comprometida, na qual a tecnologia não é uma solução neutra, mas um campo de disputa que exige mediação pedagógica, ética e compromisso com a transformação social.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e contou também com o apoio do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD). Agradecemos aos professores Johannes Doll e Frank Oswald pelas orientações.

Referências

- BERGER, Christian; LECHNER, Elisabeth; MODER, Clara. Policy Paper: Digitale Inklusion. **Digitale Inklusion**, [s. l.], p. 1–7, 2021.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. **Thematic analysis**: a practical guide. Los Angeles London New Delhi Singapore Washington DC Melbourne: SAGE, 2022.
- CASTRO, Paula Costa; DOLL, Johannes; CASTRO, Carla da Silva Santana. Gerontecnologia e educação. In: DOLL, Johannes; KOHLRAUSCH, Estela (org.). **Educação e envelhecimento**: perspectivas e tendências. 1. ed. Porto Alegre: Cirkula, 2024. p. 141–163. Disponível em: <https://online.fliphtml5.com/kfqsf/aaqn/#p=2>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 23. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Curiosidade epistemológica. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 127–129.
- HIMMELSBACH, Ines. Bildung im Alter im Kontext des dritten und vierten Lebensalters – Narrationen und Narrative. **Zeitschrift für Weiterbildungsforschung**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 83–97, 2015.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua. Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2024**. [S. l.]: [s. d.], 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102193_informativo.pdf. Acesso em: 17 nov. 2025.
- KNOWLES, Bran; HANSON, Vicki L. The wisdom of older technology (non)users. **Communications of the ACM**, [s. l.], v. 61, n. 3, p. 72–77, 2018.
- MOREIRA, Carlos Eduardo. Emancipação. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 181–182.
- NICOLAIDES, Alik; KWON, Chang-kyu. Generative pedagogy: learning to become response-able. In: BAIK, Chi; KAHU, Ella R. (org.). **Research Handbook on the Student Experience in Higher Education**. [S. l.]: Edward Elgar Publishing, 2023. p. 237–251. Disponível em: <https://www.elgaronline.com/view/book/9781802204193/book-part-9781802204193-25.xml>. Acesso em: 11 fev. 2026.
- POCINHO, Ricardo Filipe Da Silva et al. A importância da literacia digital no combate à solidão numa amostra de idosos portugueses não-institucionalizados. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, [s. l.], v. 29, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/140203>. Acesso em: 10 fev. 2026.
- ROSELL, Javiera. **Digital Inclusion for Older Adults**: The Role of Educational Gerontechnology. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.ageing.ox.ac.uk/blog/Digital-Inclusion-for-Older-Adults>. Acesso em: 1 maio 2026.
- SENA, Lucas; SOARES, Guilherme Otaviano. Vozes amplificadas, mudanças limitadas? Repensando a complexa relação entre Democracia, Regulação e Internet. **Revista Direito e Práxis**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. e89273, 2025.
- UN HUMAN RIGHTS COUNCIL. **Resolution 47/16**: The promotion, protection and enjoyment of human rights on the Internet. Geneva: United Nations, 2021.
- VAN DIJK, Jan. **The Digital Divide**. Newark: Polity Press, 2020.

Submissão: 31/07/2026

Aceite: 12/08/2026

Como citar o artigo:

KOHLRAUSCH, Estela et al. Participação de pessoas idosas em pesquisas de inclusão digital: contribuições para a gerontecnologia educacional. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 31, e 2316-2171, 2026. DOI: 10.22456/2316-2171.157094